

Pere Villalba e o nascimento da *Revista Internacional d'Humanitats* – memórias por ocasião da celebração do N.º. 50

Jean Lauand¹

Resumo: Notas da conferência de abertura do XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, evento em homenagem à *Revista Internacional d'Humanitats*, em seu No. 50.

Palavras Chave: *Revista Internacional d'Humanitats*. Universitat Autònoma de Barcelona. Faculdade de Educação da USP. Catalunha-Brasil.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, dedicated to *Revista Internacional d'Humanitats*, in the 50th edition of this academic journal.

Keywords: *Revista Internacional d'Humanitats* 50th. edition. Universitat Autònoma de Barcelona. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Catalonia-Brazil.

A “pré história” da *Revista Internacional d'Humanitats* (RIH), pioneira das revistas eletrônicas

A *Revista Internacional d'Humanitats*, que ora publica seu No. 50, nasceu em 1998 por uma iniciativa do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP (com a colaboração do Centro de Estudos Árabes da Ffchusp e da Editora Mandruvá) e do Departament de Ciències de l'Antiguitat i de L'Etat Mitjana da Universitat Autònoma de Barcelona. Já em seu No. 5, sendo formalmente erigido o Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do EDF-Feusp), o Centro assumiu essa e outras publicações promovidas por seus fundadores. E a editora Mandruvá passou a ser a responsável pelas publicações eletrônicas do Cemoroc.

Se neste ano de 2020 estamos comemorando os 50 anos de existência da FEUSP, no final de 1998, quando surgiu a RIH, a recém empossada diretora, Dra. Myriam Krasilchik, empenhou-se em celebrar os 30 anos de sua fundação (por ocasião da reforma geral da USP, no final de 1969). E na capa da edição impressa do No. 1 (e também na Internet <http://www.hottopos.com/rih1/>) consta:

N. 1 - 1998 - edició commemorativa de 30 anys de fundació de la Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1969-1999)

Desde a fundação de nossas diversas revistas, guiados pela amplitude de visão de nossa diretora (do Centro de Estudos Árabes), Dra. Aida Hanania – era imperativo que fossem com parcerias internacionais, com importantes universidades europeias.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Campos Salles. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

O No. 48 de nossa RIH (<http://www.hottopos.com/rih48/index.htm>) foi dedicado a homenagear essa ilustre arabista, fundadora do Curso de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

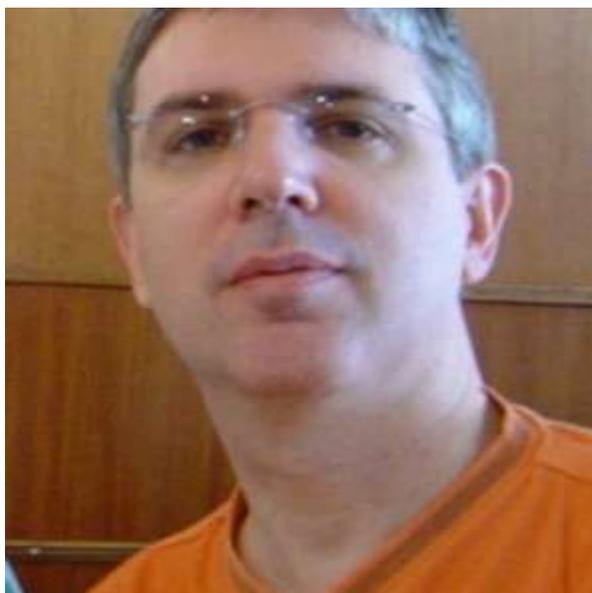
Suas colaborações – no Conselho Editorial e como autora acompanham toda a vida da revista. Já em seu No. 2, a RIH publicava seu agudo estudo “*Al-Khat e A Palavra na Arte Árabe-Islâmica*” (<http://www.hottopos.com/rih2/aida.htm>). No número 18, “*A Jahiliya e a Cultura Árabe*” (<http://www.hottopos.com/rih18/aida.pdf>) e em 2013, No. 28, “*Gibran, o Líbano e a espiritualidade*” (<http://www.hottopos.com/rih28/81-88Aida.pdf>). “*A arte árabe e a teologia islâmica*” saiu em RIH 36 (<http://www.hottopos.com/rih36/75-78Aida.pdf>). Dedicando boa parte de seu tempo a trabalho voluntário na formação de professores e alunos das escolas públicas do Estado de São Paulo, em RIH 42 (2017) Aida publicou uma notável conferência para professores e alunos surdos “*Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública*” (<http://www.hottopos.com/rih42/117-120Aida.pdf>), na qual estabelece sugestivas relações entre a língua árabe e Libras, a língua brasileira de sinais, para surdos... ‘*A caligrafia árabe como depositária do pensamento e dos sinais de Deus*’, aparece em número de 2020, RIH 48 (<http://www.hottopos.com/rih48/53-60Aida.pdf>).



Profa. Aida Hanania em trabalho voluntário: formação de professores em escolas públicas (2017)

Essa vontade de parcerias europeias, trazia consigo um problema: dificilmente em nossa área, a de Humanidades (filosofia, estudos clássicos e medievais etc.), um corpo de pesquisadores do Brasil poderia se equiparar aos da Europa... Nesse sentido, lembro-me, por exemplo, de que ao fechar a coedição com a Albert-Ludwigs – Universität Freiburg, ao propor que na capa da revista fizéssemos constar que se tratava de uma edição comemorativa dos **trinta** anos da Feusp, junto com o sorriso de anuência ouvi que a universidade deles era anterior... ao Brasil: de 1457! (para não falar das publicações da Abadia de Montserrat, que está lá há mais de mil anos...). Seja como for, nossas revistas nasceram em parceria com as universidades autônomas de Madri e Barcelona, Freiburg e Frankfurt, Porto etc.

O que poderíamos oferecer a nossos parceiros europeus? Se no campo da erudição, essas universidades eram de maior volume, nós, brasileiros, podíamos, sim, proporcionar uma inovação importante para a época: a edição eletrônica das revistas na Internet. Esse foi o trabalho pioneiro de nosso editor Sylvio Horta, atualmente professor do curso de Língua e Literatura Chinesa na Fflchusp.



Sylvio Horta – Diretor Editorial e webmaster
de edições eletrônicas do Cemoroc

O impacto dessa (então nova) fórmula editorial pode ser avaliado em uma matéria do Jornal da USP da época (7 a 13-08-2000, p. 9), que fazia um balanço das atividades da editora, ainda nascente.

As ciências humanas reinam absolutas numa página da Internet mantida com a ajuda da USP. Criado em 1997 pela Editora Mandruvá - com apoio do Dep. de Filosofia da Educação e do Dep. de Letras Orientais da USP -, o *site* reúne 8 revistas diferentes, que trazem originais artigos ligados a várias áreas das humanidades, desde filosofia e educação até literatura, direito e estudos orientais. [...] Outras universidades do mundo também participam do projeto da Editora Mandruvá - entre elas as de Frankfurt e Freiburg, na Alemanha, as autônomas de Barcelona e Madri, na Espanha, e Porto, em Portugal -, que co-editam as revistas. Já em sua décima edição, a revista *Mirandum*, por exemplo, saiu recentemente com a cooperação do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto. [...]

A Universidade de Freiburg co-editou outras edições de *Notandum*. A *Collatio* - dedicada a estudos árabes, hoje no número 5 - conta com a ajuda da Universidad Autónoma de Madrid. Já a **Revista Internacional d'Humanitats** e a *Convenit Internacional* têm como co-editores, respectivamente, a Univ. Autònoma de Barcelona e a Univ. de Frankfurt. [...]

“Nossa página recebe quase 2 mil visitas por dia, de vários lugares do mundo, e esse número está aumentando”, comemora o editor de Internet da Editora Mandruvá, Sylvio Horta, que fez doutorado em Filosofia da Educação na USP.

Esse pioneirismo ajuda a compreender também o número e a qualidade de indexadores internacionais para a RIH (cf <http://www.hottopos.com/index/rih.htm>): ela surgiu junto com os primeiros bancos de dados de revistas eletrônicas da Internet. Assim, prossegue o Jornal da USP:

Pelos cálculos de Horta, cerca de 150 instituições do mundo recomendam a página da Editora Mandruvá em seus *sites* - entre elas as bibliotecas do Vaticano e das Universidades de Berlim e Hannover, na Alemanha. As revistas são uma nova e bem-sucedida maneira de divulgação científica, segundo o coordenador editorial da editora, professor Jean Lauand, do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP. Enquanto os editores das tradicionais revistas acadêmicas impressas sofrem atrasos com falta de verbas e burocracia - diz -, as publicações eletrônicas se caracterizam pela agilidade e rapidez. Da sua sala na USP, Lauand recebe via Internet textos de pesquisadores de todos os continentes, interessados em publicar seus trabalhos. Em seguida, ele envia os artigos para os membros dos conselhos editoriais das revistas, compostos por professores das universidades coeditoras. [...] As 8 revistas eletrônicas também são editadas em papel, mas em pequenas tiragens de 300 exemplares, que são distribuídos para bibliotecas e outras instituições.

O fim da década de 90 – quando lançamos nossa Revista Internacional d’Humanitats – não é casual: foi só então que o trabalho de webmaster se tornou viável e a Internet estava começando seu *boom* comercial. Naturalmente, não havia no Brasil (e no mundo) muitas revistas eletrônicas e muitos professores de ciências humanas até relutavam em lidar com um simples editor de textos.

Uma matéria extraída do acervo do Estadão, de 16-09-96, ajuda-nos a lembrar a imensa dificuldade que era ser webmaster (até esse termo praticamente inexistia) naquela época: a complicadíssima trabalhadeira que era criar um site – ou mesmo uma simples página html. Até que Bill Gates lança o programa Front Page (como parte de seus planos para “dominar o mundo” *sic*):

FrontPage 1.1
constrói página ao
clique do mouse

*Uso de Software
dispensa conhecimento
de comandos da
linguagem HTML*

E agora? O Web site está pronto e configurado. Mas não existe ainda um número suficiente de páginas no formato HTML que faça a Intranet instalada ser útil. Uma das soluções, tempos atrás, era contratar um webmaster. Ou comprar um livro de HyperText Markup Language — e passar noites decorando os comandos enfadonhos da “língua” da Internet.

Como Bill Gates quer dominar a Net — pois a partir dela tentará dominar o mundo —, a Microsoft resolveu juntar o FrontPage 1.1 no pacote de software do Windows NT

Sylvio, sempre antenado nas novidades tecnológicas, familiarizou-se com esse novo programa e imediatamente criou as primeiras páginas eletrônicas de nossas revistas.

O o professor Pere Villalba, parceiro fundador da RIH

A Revista Internacional d'Humanitats só pôde vir à luz, graças a um *scholar* da mais alta estatura intelectual e grandiosidade pessoal: o Prof. Pere Villalba. Se hoje, Pere é reconhecidamente o maior nome (ou, ao menos, um dos maiores) em estudos lulianos e catalães e referência obrigatória em estudos clássicos e medievais, em 1998 já despontava como um notável professor na jovem UAB, Universidade Autônoma de Barcelona.

Assim, na viagem que fiz à Europa em 1998, para criar essas parcerias internacionais, Pere Villalba e a UAB eram um *must*. Sem conhecê-lo pessoalmente, escrevi-lhe pedindo um encontro e recebi resposta muito acolhedora.

Ao chegar a Barcelona (abril de 98) tivemos (o Prof. Dr. Mario Sproviero, do Departamento de Línguas Orientais da Fflchusp e o geógrafo Elian Lucci estavam na “expedição”), já na primeira impressão, tive a certeza de que a parceria, da RIH, daria bons resultados e seria uma revista importante no futuro.

Pere, desde o primeiro momento, mostrou-se um *gran senyor*: de uma generosidade e de uma humildade inigualáveis. Do alto de sua imensa erudição, dominando com total familiaridade todos os clássicos gregos e latinos, conversava conosco como se fôssemos seus iguais, como que querendo aprender com jovens brasileiros (!!). Por exemplo, interessou-se particularmente por aspectos da língua e da cultura guarani, objeto de uma breve conferência para a qual me convidou no ano seguinte, quando voltei a Bellaterra, à *Autònoma* de Barcelona.

Por uma feliz coincidência, o primeiro encontro com Pere, deu-se no dia 22 de abril (1998), seu aniversário e também a data de nascimento da RIH, quando definimos conselho editorial (tanto a parte catalã como a brasileira) etc. Pere foi quem batizou a revista: as nossas demais revistas tinham nomes latinos: *Convenit*, *Collatio*, *Mirandum* etc.; no caso ele impôs (e nos pareceu muito oportuno...) o nome em catalão. Embora ele fosse também enamorado da cultura latina (nestes vinte e tantos anos, sempre que o felicito pelo aniversário, devo incluir também o “Natale di Roma”, o aniversário de Roma, no dia 21, com seus 2773 anos em 2020), ele é, antes e acima de tudo, catalão.

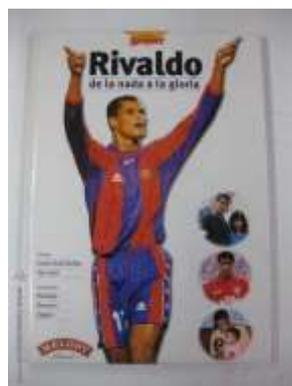
Humanista, sem nenhum fanatismo (em uma de suas visitas a São Paulo, interessou-se, e passamos um dia no Templo budista Zu Lai, o maior da América Latina, além de mostrar-se apaixonado pela cultura guarani, como já disse...), Pere não perdia a menor oportunidade de afirmar, de ensinar a cultura catalã. Presenteou-me com um curso de língua catalã (naquele tempo ainda em fitas cassete), com os discos da Escolania de Montserrat, o coro de meninos que existe na abadia desde 1307 e levou-nos a passar um dia em Andorra etc. etc. etc.

A fundação da RIH deu-se, como dizia, em 22 de abril de 1998. E em um restaurante muito especial: Pere convidou-nos para um magnífico jantar – uma grelha de todos os frutos do mar – no catalaníssimo Puda Can Manel (fundado em 1870), no *paseo Joan de Borbó*, em Barceloneta. Lá, discutimos Conselho Editorial, periodicidade da revista etc. No dia seguinte, eu iria à Autônoma de Barcelona conhecer seus colegas do “Departament” e proferir uma conferência.



www.paseodegracia.com/cultura/cierra-can-manel-barceloneta/

Pere quis honrar-me, fazendo de minha conferência o evento *Diada de Sant Jordi* do *Departament*. Pois o “dia de S. Jorge”, 23 de abril, é uma grande festa na Catalunha, e é o dia “da rosa e do livro” (os homens oferecem uma rosa e as mulheres um livro – lembro que um dos best-sellers daquele ano era: *De la nada a la gloriabiografia de Rivaldo*, estrategicamente lançado poucos dias antes do Sant Jordi...).



No dia de *Sant Jordi*, dia festivo, a universidade promove eventos especiais: na minha conferência estavam presentes – além de alunos – praticamente todos os professores do Departamento.

Precisamente naquele abril de 1998, a Espanha toda estava agitada: o parlamento da Autonomia Catalã, tinha acabado de aprovar uma lei – a lei do catalão – que obrigava qualquer candidato a emprego público na Catalunha a saber falar catalão, o que para os espanhóis parecia um instrumento de exclusão.

Ao final do jantar, Pere, ao desenhar o mapa para indicar como chegar ao campus de Bellaterra, indicou insistentemente que não era para utilizar a rodovia, mas que fosse com o carro (que eu tinha alugado), paralelamente, “por dentro”. Obedeci e, no trajeto, notei um intenso movimento “por dentro” enquanto a estrada – moderna e excelente –, estava praticamente vazia (depois soube que era um protesto para não pagar o pedágio para o governo central de Madri...). Por conta desse clima, no caminho, eu ia decorando a frase inicial de minha conferência: “*En primer lloc, perdonau que encara no parle en català...*” (para depois continuar em espanhol).

Após a conferência, já acertamos, com os colegas, todos os detalhes fundacionais da RIH.

Um ano depois, voltei a Barcelona e Pere insistiu para que eu não reservasse hotel, pois ele tinha uma “surpresa”... Mais uma surpresa catalã: a hospedagem seria na Abadia de Mont Serrat, vivendo – na medida do (pouco) possível – a rotina dos monges, tendo como cicerones o próprio Pere e (também convidado por ele) o Prof. Dr. Xavier Figueras, então Diretor de Restauração Histórica do Governo da Catalunha! Todos convidados pelo abade e hospedados no claustro do mosteiro.

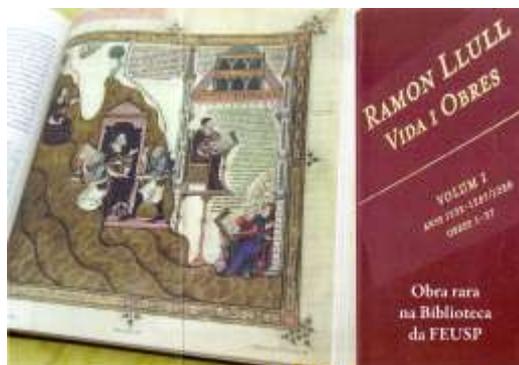
Para concluir este tópico, retomo algumas considerações que fiz no “XVII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação” (maio de 2016), evento dedicado precisamente a homenagear Pere Villalba, por ocasião do lançamento do volume I de seu imponente livro *Ramon Llull. Vida i obres* pelo “Institut d’Estudis Catalans”, tendo como mecenas a “Elsa Peretti Foundation” – delegação de Barcelona.

Nesta breve nota, não pretendo repassar em detalhes todo seu curriculum, mas alinhavar – em tributo de gratidão – algumas considerações sobre o querido amigo e suas contribuições, também para a cultura brasileira. Para detalhes, estão os Nos. 12, 18 e 40 da RIH, editados em homenagem a Pere Villalba (resp.: <http://www.hottopos.com/rih12/index.htm>, <http://www.hottopos.com/rih18/index.htm> e <http://www.hottopos.com/rih40/index.htm>).



Esse volume sobre Lúlio foi recebido com entusiasmo por diversas importantes universidades brasileiras.

É o caso da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que ao longo destes anos, pôde contar com memoráveis conferências de Pere Villalba, montou uma exposição especial para esse livro e a ele dedicou uma notícia em seu site (cf. <http://www4.fe.usp.br/biblioteca/eventos/obra-rara-ofertada>)



Acima e abaixo: as duas faces do folder da exposição na Universidade de São Paulo



Todo grande artista tem seu dom especial, seu particular modo de relacionar-se com o mundo que o cerca. Recordo outro querido amigo, o saudoso pintor Fulvio Pennacchi, que via a realidade do ponto de vista cromático, da luz e sombra, como um quadro, enquanto nós outros tínhamos apenas um olhar “normal”... O filme *Amadeus* também mostra isso, apresentando Mozart a criar uma ópera a partir da furiosa prosódia da sogra que o repreende.

No caso de Pere Vilalba não temos propriamente um “ponto de vista”: seu interesse “específico” é tudo, tudo o que é humano. Tomás de Aquino repete, uma e outra vez, aquela sentença aristotélica: “*anima est quodammodo omnia*”, que expressa um dos legados fundamentais do Ocidente: o espírito é abertura para a totalidade do real e a alma espiritual, com suas potências espirituais, é para “*convenire cum omni ente*”, relacionar-se com tudo que é, como diz já no começo do *De Veritate*.

A inteligência, a vontade, o amor, não conhecem limites. Se nosso conhecimento sensorial está limitado ao *Umwelt*, ao mundo circundante; o espírito não tem fronteiras. Pere Vilalba tem empreendido em sua carreira, em sua vida, esta paixão do espírito que se abre a tudo o que é humano.

A partir de suas profundas raízes catalãs, Pere se abre ao universal. Seu preparo, sua base, para enfrentar esse desafio é o profundo conhecimento, o profundo saber (nos dois sentidos da palavra: saber e saborear) dos antigos: conhece e saboreia como ninguém os clássicos gregos e romanos e seus continuadores medievais.



Pere Vilalba, proferindo a conferência: “*Sit ergo antiquorum labor opus nostrum*” - uma investigação arqueológica em uma tumba de Luxor del siglo VII A.C. - Graffiti escritos en lengua caria”. São Paulo, 28-05-2007

Não é o caso aqui (a tarefa seria interminável...) de elencar seus títulos – como o de acadêmico da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona* ou o de Doutor *Honoris Causa (Filosofia e storia delle idee)* da Universidade de Palermo – ou seus importantes e eruditos trabalhos como pensador, tradutor e editor; alguns monumentais como os volumes da *Arbor Scientiae* de Ramón Llull para a coleção *Corpus Christianorum*.

Extremamente atento à realidade contemporânea, ante cada acontecimento, ante cada incidência, Pere Villalba dialoga, discute, aconselha-se com Lúlio, com Cícero, com Xenofonte, com Cassiodoro...

A referência a Cassiodoro não é casual. Não foi por acaso que - para falar-nos de seu importante trabalho também como arqueólogo - Pere evocou a sentença das *Institutiones* (XXXVI):

“*Sit ergo antiquorum labor opus nostrum*” –

que o nosso empenho seja o trabalho dos antigos.

A grandiosidade da figura de Cassiodoro – injustamente tão pouco lembrada – consiste em dar um passo decisivo para a constituição da Europa e do Ocidente: a fundação do mosteiro de Vivarium, em 555, que transforma os recém-criados mosteiros beneditinos em lugar de preservação dos antigos, em santuário (também no sentido de *sanctuary*, de refúgio) do saber clássico, ameaçado pela barbárie então reinante.

Nos dias de hoje, em que vemos, uma vez mais, o cultivo dos antigos e de seus valores ameaçado pela nova barbárie – da produtividade, da massificação e do lucro – e em que a própria universidade se encontra ameaçada nesse cultivo, o trabalho imponente do Prof. Pere Villalba aparece como uma mensagem de esperança, de que a universidade possa re-encontrar-se em sua vocação originária de *universitas*: de abertura para o todo, o que, como vimos, é também o espírito.

Com esse seu interesse sem fronteiras pelo conhecimento, Pere Villalba tem contribuído muito com o Brasil, em diversas instâncias para além da fundação da *Revista Internacional d’Humanitats*.

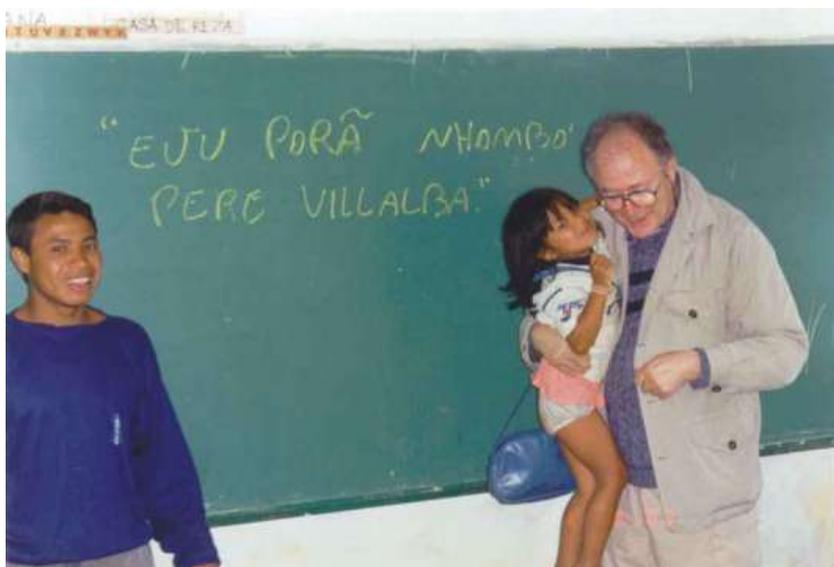
Junto com o incomparável saber e erudição, o professor e querido amigo nos ensina também outra lição: a de humanidade. Esse seu saber dos clássicos, dizia, é também um saborear o todo da realidade, com um olhar de admiração, que, segundo Platão e Aristóteles, é o próprio princípio da sabedoria.

Em outra ocasião em que estive em São Paulo (2003), Pere fez questão de conviver com os índios guaranis e estivemos todo um dia na Aldeia *Tonendé Porã* de Parelheiros, bairro afastado de São Paulo.



Impressionou-me a imediata empatia entre o erudito europeu e os indígenas: era como se se conhecessem há décadas, como o reencontro de velhos amigos: nada do que é humano – a língua, a religião, a arte dos guaranis – lhe era alheio.

Ocorreu mesmo um “amor à primeira vista” entre Pere e a indiazinha Ará, então com 4 anos, registrado em “Ará – índia guarani”, belíssimo estudo que Pere publicou sobre os guaranis e a cidade de São Paulo (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>).



Eju Porã... – Bem-vindo Prof. Pere Villalba
Prof. Marcelo Caray, a india Ará e Pere na escola da aldeia

Para terminar, recolho um parágrafo dessa reflexão e que, de algum modo, resume, o coração sem limites de Pere Villalba:

A guerra. A guerra me mata, mata a indiazinha Ará, cada vez que, sob o fogo das armas, tomba um ser. Eu continuava sonhando e em meu sonho eu tinha a certeza de que se eu levasse Ará para a ONU, se eu a mostrasse aos ‘senhores da guerra’, a “meu amigo” Bush, se eles vissem Ará, acabariam todas as guerras... Se eu pudesse, eu explicaria para eles que todo ser humano, toda criança é nosso melhor capital.

A partir de sua profunda erudição, Pere Villalba nos dá a grande lição de humanismo: aquela que o apóstolo Paulo resumia em duas palavras: *sym-pathia* e *syn-khairia*: sofrer com o sofrimento do próximo; alegrar-se com o bem do próximo. Erudição que, no caso, é – além de conhecimento – Amor.

Recebido para publicação em 11-07-19; aceito em 24-07-19